



DF MISTICISMO

“Por que nome chamaremos quando nos sentirmos pálidos sobre os abismos supremos?”

Cecília Meireles

Religião: a fé no invisível

Elisa Mattos

O filósofo alemão Karl Marx ditou, no século passado, que a religião é o ópio do povo, fruto de sua alienação. Certo ou errado, o fato é que desde os mais remotos tempos o homem busca a justificativa de sua existência e os caminhos da eternidade crendo naquele que nunca viu mas julga existir: Deus. Deus, o supremo, que tudo sabe, vê e ouve, no entender das pessoas religiosas é quem traça e comanda a vida de todos os seres viventes da Terra e cabe somente a Ele decidir o que fazer com o destino de cada um de nós. Há quem jure de pés juntos que Deus existe e mora no firmamento; outros acreditam que Ele é apenas um símbolo, um nome que se dá ao inexplicável; outros acham que Deus está dentro de cada homem e na maneira como ele age em vida e ainda tem aqueles que nem cogitam o assunto ignorando por completo a existência de um Ser Supremo.

Muitos vêm na filiação em alguma agremiação religiosa o caminho para se travar um diálogo com o seu Deus e ter a paz de espírito que o mundo material não oferece por si mesmo. E em cada religião, culto ou seita, esta imagem invisível que os homens se apegam para salvar seu corpo e alma, recebe denominação distinta mas, que na verdade, representa os mesmos anseios, angústias e desejos em todas elas, independente de sua linguagem. Mas é nesta questão da religiosidade que o jargão popular que diz “o que os olhos não vêem o coração não sente”, entra em contradição pois em relação a Deus e os rituais praticados para alcançá-lo, se dá justamente ao contrário: o coração sente aquilo que nunca viu. Rubem Alves, no livro **O que é Religião** da editora Brasiliense, comenta a respeito:

“O sagrado se instaura graças ao poder do invisível. E é ao invisível que a linguagem religiosa se refere ao mencionar as profundezas da alma, as alturas dos céus, o desespero do inferno, os fluidos e influências que curam, o paraíso, as bem-aventuranças eternas e o próprio Deus. Quem, jamais, viu qualquer uma destas entidades? O autor cita um exemplo: “ — Uma pedra não é imaginária. Visível, concreta. Como tal, nada tem de religioso. Mas no momento em que alguém lhe dá o nome de altar, ela passa a ser circundada de uma aura misteriosa, e os olhos da fé podem vislumbrar conexões invisíveis que a ligam ao mundo da graça divina. E ali se fazem orações e se oferecem sacrifícios”.

Já o mestrando em Antropologia Social, Micênio Carlos Lopes dos Santos, lembra o sociólogo francês, Emile Durkheim, quando diz que não há nenhuma forma de religião falsa e que todas elas respondem de maneira diferente as necessidades de cada comunidade. “Pensar e insistir que a religião é alienadora, reacionária, primitiva e outros adjetivos negativos é não querer, pelo menos, tentar compreender o que acontece em cada sociedade onde a religião é um fenômeno que integra o perfil de sua identidade social. O que faz o Brasil pegar no terço e rezar; acender velas nas encruzilhadas, nos adros das igrejas e nos cruzeiros? E ainda, comungar aos domingos, se aconselhar com os pretos velhos nas segundas-feiras, tomar “passe” com os caboclos nas “giras” de quartas-feiras e as sextas-feiras negociar com Exu?”

Ao analisar a religiosidade brasileira, Micênio diz que para as aflições que se tenta minimizar e até mesmo solucionar se tem várias instâncias oficiais e, que além destas, o povo conta ainda com duas fortes respostas a estas aflições: o pentecostalismo e os cultos afro-brasileiros. “Peter Fry analisando a Umbanda e o Pentecostalismo, agrupou as aflições brasileiras em problemas relacionados com a saúde, pedidos de emprego, relações com a polícia etc, que ele chamou de “operando o sistema”, além dos conflitos pessoais, como por exemplo, os pedidos e separação de casamento etc. Essa diversidade religiosa que nós temos, alivia a farda luta pelo cotidiano possibilitando uma doméstica se transformar em uma soberana dama africana e ser respeitada e temida por todos que garantir o seu estigma de marginalizada. Porque não acreditar que esta metamorfose não pode ser também um meio de transformação social?”

— Símbolos religiosos e sentimentos

cristãos são características de uma nacionalidade, neste caso, a brasileira. As mudanças sociais e políticas que tanto nós queremos, não se dará, é claro, pela religião. Mas o que não podemos esquecer é que a religião é um conjunto estabelecido e configurado de símbolos que possibilita a troca. Afinal, pode-se trocar uma caixa de uísque importado por um favor de uma autoridade, como também pode-se trocar cachaça, velas e flores por uma benção ou graça alcançada, finaliza o mestrando.

Na intenção de caracterizar o pensamento religioso de adeptos com credos diferentes, o **Jornal de Brasília** ouviu algumas pessoas. Ao final das entrevistas, uma constatação pode ser feita: a religião,

para elas, representa o apoio de sobrevivência e a resposta para o mistério da vida e pós-vida. A eternização.

Marileide Alves de Oliveira, 17 anos, Igreja Evangélica Assembléia de Deus — “Acredito em Deus e na Salvação. Jesus vem para salvar a todos, isto está escrito na Bíblia. Mas ela não diz quando o Salvador vem e por isto, a gente se prepara cumprindo os mandamentos da Bíblia”. Marileide frequenta a Assembléia de Deus há dois anos por influência de seus pais. Ela conta que eles já eram adeptos e que ela passou a gostar também de ir aos cultos. Para esta estudante da 8ª série, sem Deus não somos nada e, depois de sua morte, tem certeza que vai para o Céu, “o

melhor lugar que existe, segundo a Bíblia”.

Helen do Brasil Moreira, 21 anos, Adventista do Sétimo Dia — “O homem tem necessidade de adorar pessoas superiores. Eu aprendi a amar a Deus e encontrei a paz interior n’Ele, em vez de me atolar em drogas, festinhas... Deus é um amigo com quem eu desabafo”. Formada em Pedagogia e há duas semanas trabalhando como diretora da Escola Adventista, Helen diz que já nasceu na Igreja Adventista e aprendeu muito na escolinha sabatina, que através de aulas semanais, inicia crianças, adolescentes e adultos nesta religião. “Lá aprendi o convívio social, moral e intelectual pelo método de edu-

cação integral. Mais tarde, fui estudar numa escola adventista e hoje, sou desinibida, posso falar tranquilamente em público e este meu desenvolvimento foi uma graça de Deus. Mas para mim, o mais importante foi o meu desenvolvimento espiritual”. Ela também acha que o filho de Deus, Jesus Cristo, voltará, não se sabe quando, para ressuscitar os mortos que foram justos em vida e transladar os vivos. “A morte é um sono, uma espera da volta de Cristo”.

Arison Pereira, 24 anos, militante do Partido dos Trabalhadores, católico apostólico romano — “Desde os 17 anos atuo, por opção, na Igreja Católica, apesar de ter conhecido outras religiões não profundamente. Fui budista 10 dias, adventista por 30 dias e participei em outras igrejas de várias discussões sobre a Bíblia. Mas isto foi depois que eu já havia entrado para um grupo jovem da igreja católica, pois finalmente me decidi por ela”. Arison aprendeu com os católicos a amar as pessoas acima de tudo e dele mesmo e está nela também pela liberdade que ele diz oferecer para discutir, questionar e analisar a própria Igreja, “o que as outras não permitem”. Toda religião tem um fundo de verdade e deveria se encontrar no ecumenismo. A confusão nas cabeças das pessoas está justamente na convicção em uma certa religião sem procurar saber das outras. Eu mesmo não abro mão da minha liberdade de ter meu próprio pensamento religioso”. Na sua visão, Deus é um ser supremo, inteligência suprema, tudo antes de todos mas que, porém, está no outro. Arison questiona, ainda, a hierarquia rígida de sua igreja e a atitude do Papa em castigar o teólogo Leonardo Boff. “Não acho certo esta autoridade de calar um profeta”. No momento ele está lendo **O Livro dos Espíritos**, de Allan Kardec e um outro da seita Hare Krisna para encontrar os fundamentos destas crenças. “A religião é importante para o homem, desde que se tenha fé. O gesto de Jesus Cristo para nos salvar foi de humildade, quem era Rei de repente se faz servo. Foi ele quem me despertou para servir e questionar. Assim espero entrar para a vida eterna”.

Rosa Maria, 30 anos, do Centro Espírita Vovó Sabina, funcionária pública e mãe-de-santo há 15 anos — “Deus é um ser supremo, superior que através dele temos a força espiritual que nos ajuda. Para mim, o espiritismo é uma coisa maravilhosa. Eu estava perdida e foi aqui que encontrei a paz tranquilidade. Ganho pouco no meu trabalho mas dá pra viver, não fico revoltada. Minha religião me dá segurança psicológica na hora de enfrentar a morte de um ser querido ou de dificuldades”. Ela diz só ter direito a fazer um ou dois pedidos importantes a Deus: um Rosa já fez em relação a saúde de seu pai que se encontrava desengano pelos médicos. O pai sobreviveu e a mãe-de-santo deu graças. “Acredito numa vida depois da morte e dependendo do que se faz na Terra, a pessoa volta para terminar de cumprir alguma missão ou vai para um submundo muito melhor. Mas a gente não pode ter certeza de nada”.

Dolores Ferreira, 58 anos, membro da seita japonesa Sheicho No-Iê, católica por formação — “A Sheicho No-Iê não é uma religião, é uma filosofia. É um lugar onde se aprende a amar o próximo, lembrar e cultuar os antepassados e agradecer muitos nossos pais por estarmos aqui pois é a gente quem os escolhe quando ainda somos espíritos a espera da encarnação”. Dona Dolores conta que a Sheicho No-Iê veio para unir todas as religiões e explicar de maneira mais clara, os ensinamentos da Bíblia que afirma ser meio complicada para alguns. Desde que passou a frequentar este templo, há oito anos, ela passou a entender melhor certos fatos que acontece diariamente em nossas vidas. “Através dela se consegue perdoar, não viver em atrito, pedir perdão, viver em paz e harmonia e sempre agradecendo aos pais, filhos, o marido, tratar o marido como o centro do lar e não querer passar por cima disto”. Ela acha também que estamos aqui para cumprir uma missão e que, se for bem cumprida, após a morte passamos para uma camada mais elevada do mundo espiritual. “Senão, passa-se uma fase na 3ª dimensão e depois volta à Terra para acabar de cumpri-la. A 7ª dimensão do mundo espiritual é a mais difícil de ser alcançada e demora anos e anos para se chegar até lá”. Com isto, Dona Dolores espera chegar pelo menos até a 5ª dimensão para viver na eternidade.